

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

O século XX: um século de crises?

Luís Andrade

Luís Andrade, Pró-Reitor da Universidade dos Açores e Professor Catedrático da mesma Universidade. Investigador do CEIS20. E-mail: andrade@uac.pt.

Este artigo tem como objectivo essencial analisar as várias crises que ocorreram durante o século XX, a fim de termos uma ideia do modo como influenciaram a conjuntura mundial de então e que consequências tiveram na vida internacional da altura.

Como é evidente, realçaremos aquelas que nos pareceram mais importantes e que tiveram impactos decisivos na vida mundial. Em primeiro lugar, analisaremos a problemática da Primeira Guerra Mundial, em segundo lugar, a Segunda Guerra Mundial e, em terceiro lugar, a Guerra Fria e o chamado período pós-Guerra Fria.

No entanto, parece-nos relevante tecermos algumas considerações introdutórias acerca da problemática que tem a ver com as guerras, os conflitos e as crises internacionais. A famosa frase de Carl Von Clausewitz, que refere que a guerra é a continuação da política por outros meios, destinava-se provavelmente a ser provocatória. Todavia, parece conter em si mesma alguma verdade. E o contrário é, de igual modo, indubitável: a política é a continuação da guerra por outros meios. Parece-nos, porém, que importa sublinhar que os meios utilizados são diferentes. Como escreveu Michael Walzer: «A política é uma forma de disputa pacífica, a guerra é violência organizada. Todos os participantes, todos os activistas e militantes, sobrevivem a uma derrota política (...), enquanto que muitos participantes, tanto soldados como civis, não sobrevivem a uma derrota militar – nem tampouco, a uma vitória. A guerra mata e é por isso que o debate sobre a guerra é tão intenso».¹

É importante, também, referir que a chamada teoria da guerra justa, defendida por Michael Walzer, já havia sido incorporada na lei internacional por escritores como Grotius e Pufendorf, «...mas o advento do Estado moderno e a aceitação legal (e filosófica) da soberania do Estado empurraram a teoria para segundo plano. O primeiro plano político estava agora ocupado por pessoas em quem podemos pensar como príncipes maquiavélicos, homens duros (e, por vezes, mulheres) movidos por “razões de Estado” que faziam aquilo que (diziam eles) tinham de fazer. A prudência secular triunfou sobre a justiça secular; o realismo triunfou sobre aquilo que, cada vez mais, era depreciado como sendo um idealismo ingénuo».²

No que diz respeito à Primeira Guerra Mundial, mas sobretudo às suas consequências, verificamos uma alteração substancial do panorama geopolítico mundial, sobretudo no que concerne à alteração e à redefinição do traçado das fronteiras até então existentes. O fim dos impérios austro-húngaro e otomano, por exemplo, contribuíram para consumir essas alterações. O que importa aqui referir é que o conflito e a crise estiveram sempre presentes na definição da conjuntura internacional no período pós 1918.

É, de igual modo, importante mencionar-se que a criação da Sociedade das Nações nessa altura, uma das ideias do Presidente norte-americano, Woodrow Wilson, não conseguiu dirimir a conflitualidade que se verificou, a nível mundial e, por consequência, as crises que tiveram lugar de 1919 até 1939. Uma das principais razões que explica o insucesso da Sociedade das Nações teve a ver, em nosso entender, com o facto do Senado norte-americano não a ter ratificado. As crises e os conflitos que tiveram lugar no período de 20 anos (1919-1939) não foram debelados, o que explica, em grande parte, também o início da Segunda Guerra Mundial.

¹ WALZER, Michael – *A Guerra em Debate*. Lisboa: Edições Cotovia, Lisboa, 2004, p. 11.

² *Ibid.*, p. 23.

O conflito e a crise são, para o bem e para o mal, inerentes à natureza humana. Desde sempre que a conflitualidade existiu. Se nos reportarmos, a título de exemplo, ao período que vai da Antiguidade Clássica até hoje, podemos facilmente constatar que a História da Humanidade tem sido sempre caracterizada pela existência de crises e de conflitos, mais ou menos graves, e que muitas vezes tiveram repercussões muito sérias quer para os Estados intervenientes, quer para os sistemas internacionais nos quais estavam integrados. A tese que pretendemos defender neste artigo tem a ver com o facto de o século XX ter sido um dos mais problemáticos neste contexto.

Tal como referiu Thomas Hobbes no seu *Leviathan*, o homem é o lobo do homem. Muito embora não defendamos uma perspectiva Hobbesiana das Relações Internacionais, somos da opinião de que a Matriz Maquiavélica tem vindo, quase sempre, a ser aplicada no estudo dessas relações. O facto é que, como defendia Jean-Jacques-Rousseau, o homem nasce bom mas é corrompido ao integrar-se na sociedade.

A escola realista das Relações Internacionais vem corroborar essa tese. Isto é, os interesses é que, na maioria das vezes, se sobrepõem a tudo o resto. Isto não significa, porém, que os aspectos de natureza ética ou moral não sejam relevantes. No entanto, para qualquer analista atento da Política Internacional, o que se constata é que os interesses dos Estados é que estão, na maioria das vezes, em primeiro lugar. A Primeira Guerra Mundial inscreve-se, claramente, nesta perspectiva realista das Relações Internacionais. É, todavia, importante referir-se que, quer a Primeira quer a Segunda Guerra Mundiais, tiveram o seu início na Europa, podendo, conseqüentemente, ser caracterizadas por guerras civis europeias. Ora a Europa, durante o século XX, viveu uma série de crises, que culminaram com os conflitos na ex-Jugoslávia na última década daquele século.

A Segunda Guerra Mundial teve, tal como a Primeira, como resultado milhões de mortos e a destruição de grande parte do continente europeu. No entanto, não nos podemos esquecer que a Guerra Civil de Espanha constituiu o prelúdio daquele conflito. Ao longo de quase três séculos, o mundo viveu na presença de um grande país hegemónico liberal – primeiro a Grã-Bretanha e depois os Estados Unidos da América. Neste contexto, alteraram o equilíbrio de poder contra os grandes agressores dos seus tempos, da França de Napoleão à Alemanha e à União Soviética.

Na Segunda Guerra Mundial assistiu-se a um conflito entre as chamadas potências marítimas (exceptuando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e a potência continental desestabilizadora, a Alemanha. Pela segunda vez no espaço de pouco mais de vinte anos, a Alemanha perturbou a estabilidade no continente europeu e no mundo. A lição que se pode retirar daqui é que, de facto, as crises que se têm vivido na Europa ao longo do século XX tiveram a sua génese na dialéctica existente entre vários países europeus e que não constituíam qualquer novidade em termos geopolíticos. É bom termos em consideração que a Geopolítica nasceu na Alemanha e teve como objectivo essencial o aumento do espaço vital daquele país, tendo como consequência o desencadeamento do segundo conflito mundial. Foi por isso que a palavra Geopolítica esteve banida da terminologia ocidental durante vários anos a seguir à Segunda Guerra Mundial, tendo voltado a ser utilizada no início da década de 80 do século passado, aquando do conflito que opôs o Iraque ao Irão (1980-1988).

Uma terceira Guerra foi exactamente a Guerra Fria que se iniciou formalmente a partir de 1947, e que teve como principais protagonistas os Estados Unidos da América

e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, tendo durado até 1989, com a queda do Muro de Berlim, em Novembro daquele ano. Neste contexto, a Aliança Atlântica teve como missão fundamental a contenção do expansionismo soviético na Europa. O Pacto de Varsóvia, por outro lado, foi a resposta encontrada pela U.R.S.S. para fazer face à NATO. Ao longo da Guerra Fria, foi notório a existência das chamadas áreas ou esferas de influência, designadamente no Terceiro Mundo. Os vários conflitos que tiveram lugar na América Latina, em África e na Ásia, no período de tempo que decorre entre meados dos anos 40 e o final da década de 80 do século passado, dão corpo à tese da conflitualidade existente na Comunidade Internacional, com consequências dramáticas para grande parte das populações dos Estados envolvidos. A imprevisibilidade foi outra característica dominante das Relações Internacionais dessa altura como, aliás, ainda é hoje.

Após 1989, o designado período pós-guerra Fria, caracterizou-se, de igual modo, por uma enorme instabilidade, contrariamente ao que alguns especialistas da Política Internacional tinham defendido.

O que se passou, por exemplo, nas várias repúblicas da ex-Jugoslávia é bem prova disso. Voltou-se a assistir, na supostamente civilizada Europa, a exterminações em massa e a limpezas étnicas, como já não se via desde a Segunda Guerra Mundial. A natureza humana parece não se ter alterado muito ao longo dos séculos. Como referimos anteriormente, o homem continua a ser movido essencialmente por interesses e, com o passar dos tempos, este aspecto parece não ter sofrido grandes alterações.

Com o final da Guerra Fria, assistimos à formação de um mundo unipolar em termos estratégico-militares, o que teve, obviamente, aspectos positivos e negativos. Ao longo da Guerra Fria o mundo era potencialmente muito perigoso mas, por outro lado, muito estável. Com refere, por exemplo, Fareed Zakaria no seu livro *O Mundo pós-Americano*, «Ao nível político-militar, continuamos a viver num mundo de apenas uma superpotência. No entanto, em todas as outras dimensões – industrial, financeira, educacional e cultural –, a distribuição do poder está a mudar, afastando-se do domínio americano. Isto não significa que estejamos a entrar num mundo antiamericano, mas estamos a mover-nos em direcção a um *mundo pós-americano*, definido e dirigido a partir de muitos lugares e por muitas pessoas».³

Por outro lado, temos de ter em consideração que, com a globalização em curso, existem novos paradigmas que têm de ser tidos em conta no âmbito da análise das Relações Internacionais. As guerras civis continuam em muitas partes do mundo sobretudo devido ao vazio de poder deixado por impérios que, de uma forma ou de outra, terminaram. Através da História, o surgimento de novas grandes potências foi acompanhado por ansiedades que, algumas vezes, originaram crises militares. Tucídides no seu livro, *A Guerra do Peloponeso*, defende que a origem daquela guerra esteve relacionada com o aumento do poder de Atenas e o receio que tal facto criou em Esparta. O início da Primeira Guerra Mundial explica-se, em grande parte, pela postura adoptada pelo kaiser da Alemanha e pelo receio que criou na Grã-Bretanha.

³ ZAKARIA, Fareed – *O Mundo pós-Americano*. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 14.

Alguns especialistas defendem ainda a tese de que uma dinâmica semelhante está a acontecer com o aumento do poder da China e o receio que está a causar nos Estados Unidos da América.⁴

Por outro lado, a Geo-economia ainda não substituiu a Geopolítica, muito embora no início do século XXI a linha de divisão entre ambas não seja muito evidente.⁵

Apesar de, como foi referido anteriormente, muita gente ter pensado que o mundo pós-guerra fria seria mais pacífico e estável, o que se passou foi, muitas vezes, o contrário. O mundo não se tinha transformado. Na maioria das regiões do globo, o Estado-Nação continuou tão forte como anteriormente, assim como as ambições nacionalistas, as paixões e a competição entre as Nações que moldaram a História. Os Estados Unidos da América continuaram a ser a superpotência dominante no sistema internacional. No entanto, voltou a concorrência internacional entre as grandes potências, como a Rússia, a China, a União Europeia, o Japão, a Índia, o Irão, o Brasil, etc. As querelas e as lutas pelo estatuto e pela influência no mundo voltaram a adquirir uma importância muito grande na cena internacional.⁶ Como escreveu Robert Kagan: «A velha competição entre o liberalismo e a autocracia tornou a emergir, com as maiores potências do mundo a alinharem-se de acordo com os seus regimes. É mesmo uma luta mais antiga irrompeu entre os radicais islamitas, de um lado, e as modernas culturas seculares e poderes que eles consideram ter dominado, penetrado e poluído o seu mundo islâmico, do outro. Quanto mais estas três lutas se combinam e colidem, mais se desvanece a promessa de uma nova era de convergência internacional. Entramos num tempo de divergência».⁷

O que muitos analistas da Política Internacional defendiam imediatamente após o fim da Guerra Fria, isto é, que o mundo iria conhecer um período de paz e de estabilidade, não se veio a concretizar. Aquilo que nós vivemos hoje em dia em termos de sistema internacional assemelha-se mais a uma nova desordem internacional, na qual o terrorismo tem vindo a ocupar um lugar de grande relevo. O que sucedeu nos Estados Unidos da América, a 11 de Setembro de 2001, assim como os ataques terroristas subsequentes que tiveram lugar em Madrid, em Londres, em Bali, etc, consubstanciam a tese acerca da imprevisibilidade da Política Internacional.

Como afirma Robert Kagan: «Com os sonhos do pós-Guerra Fria a desfazerem-se, o mundo democrático tem de decidir como reagir».⁸ No entanto, somos os primeiros a reconhecer que essa decisão não é fácil. Com novos pólos de poder a surgirem, o mundo caminha a passos largos para um sistema unimultipolar, como escreveu Samuel Huntington, ou por aquilo a que os especialistas chineses de geopolítica chamam «muitas potências e uma superpotência».⁹ A linguagem confusa reflecte a confusão da realidade. Por outro lado, os Estados Unidos da América podem e devem, em nosso

⁴ Acerca desta problemática, veja-se, por exemplo, o livro de NYE JR., Joseph S. – *The Paradox of American Power – why the world's only superpower can't go it alone*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 6-8.

⁵ *Ibid.*, p. 7.

⁶ Relativamente a esta matéria, veja-se, por exemplo, o livro de KAGAN, Robert – *O Regresso da História e o fim dos sonhos*. Alfragide: Casa das Letras, 2009, p. 19-20.

⁷ *Ibid.*, p. 20.

⁸ *Ibid.*

⁹ ZAKARIA, Fareed – *op. cit.*, p. 48.

entender, adoptar uma política externa caracterizada por uma maior multilateralidade, como tem sido várias vezes referido pelo Presidente Barrack Obama.¹⁰ A nova equação de defesa e de segurança, quer dos Estados Unidos, quer das outras potências mundiais, terá de ser revista, sob pena de não darem resposta aos novos e complexos desafios que terão de enfrentar ao longo das próximas décadas.

Por outro lado, como escreve Henry Kissinger, «Hoje em dia, a ordem Vestefaliana encontra-se em crise sistémica. Os seus princípios encontram-se ameaçados, faltando agora surgir uma alternativa consensual. A não interferência nos assuntos internos de outros Estados foi abandonada a favor de um conceito de uma intervenção humanitária universal ou jurisdição universal, não apenas pelos Estados Unidos mas também por vários países da Europa Ocidental».¹¹ Convém, também, referir que o problema relacionado com os Estados fracos, assim como a necessidade de construção de Estados, existe, pois, há muitos anos, mas os ataques de 11 de Setembro tornaram-nos mais óbvios. A pobreza não é, escreve Francis Fukuyama, «a causa próxima do terrorismo: os organizadores dos ataques realizados nessa data ao World Trade Center e ao Pentágono eram da classe média e, na verdade, tornaram-se radicais, não nos seus países de origem, mas na Europa Ocidental».¹²

Para além dos vários aspectos atrás focados, não nos podemos esquecer de um que se reveste, cada vez mais, de maior importância e que tem a ver com a componente ambiental e com as alterações climáticas, que se tem vindo a fazer sentir um pouco por todo o mundo. Neste contexto, a reunião que decorreu na capital dinamarquesa, em Dezembro de 2009, não trouxe grandes resultados no sentido de se debelarem os graves problemas com que o mundo se confronta na actualidade. E, mais uma vez, um dos aspectos que esteve subjacente prendeu-se com a divergência de opiniões existente entre os países desenvolvidos e os que estão em vias de desenvolvimento, na medida em que estes não querem prejudicar o seu desenvolvimento económico. A questão é, de facto, muito complexa e as respostas não são fáceis. No entanto, é imperioso que a Comunidade Internacional chegue a um consenso a fim de poder resolver ou, pelo menos, minimizar esse problema. Acerca desta matéria, os Estados Unidos da América têm o dever de dar o exemplo neste, assim como noutros aspectos. Como escreveu Madeleine Albright: «Sendo a democracia mais poderosa do mundo, a América deve ajudar aqueles que o desejarem a estabelecer e fortalecer instituições livres. Mas, ao fazê-lo, não nos devemos esquecer que promover a democracia é uma política, não uma missão, e que as políticas devem ser testadas no duro campo da diplomacia, das políticas pragmáticas e no respeito pelas normas internacionais».¹³

Robert Kagan, no seu famoso livro intitulado, *O Paraíso e o Poder – A América e a Europa na Nova Ordem Mundial*, escreveu o seguinte: «É chegada a altura de parar

¹⁰ Acerca desta questão, veja-se o livro de ASH, Timothy Garton – *Free World – A América, a Europa e o futuro do Ocidente*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2006, p. 176-178.

¹¹ KISSINGER, Henry – *Does America Need a Foreign Policy? – Toward a Diplomacy for the 21st Century*. New York: Touchstone, 2001, p. 21.

¹² FUKUYAMA, Francis – *A Construção de Estados – Governação e Ordem Mundial no século XXI*. Lisboa: Gradiva, 2006, p. 16.

¹³ Madeleine Albright – *Os Poderosos e o Todo-Poderoso – Reflexões sobre a América, Deus e o Mundo*. Lisboa: Difel, 2006, p. 47.

de fingir que os europeus e os americanos partilham uma visão do mundo ou até que ocupam o mesmo mundo».¹⁴ Estamos em completo desacordo com esta afirmação, na medida em que, hoje em dia, é absolutamente necessário que os Estados Unidos da América, conjuntamente com todos os Estados que constituem a actual Comunidade Internacional, tentem alcançar um consenso para se resolver os gravíssimos problemas que enfrentam. Se persistirem os egoísmos nacionais e os interesses, será muito difícil haver uma decisão que venha a permitir a resolução dos problemas existentes.

O idealismo nunca foi a única fonte da generosidade americana nem da sua propensão a procurar trabalhar em concertação com os aliados. A multilateralidade americana da Guerra Fria foi mais instrumental do que idealista nos seus motivos, como, aliás, se voltou a constatar mais tarde, durante a Administração Bush. Com a actual Administração Obama, fazemos votos para que essa unilateralidade dos Estados Unidos da América possa dar lugar a uma maior multilateralidade. Só assim se poderá dar resposta aos inúmeros problemas que afectam a Comunidade Internacional.

Por outro lado, é fundamental que a União Europeia possa falar a uma só voz a nível internacional. Para isso acontecer é necessário que consiga implementar uma Política Externa e de Segurança Comum e, por sua vez, uma Política Europeia de Segurança e Defesa. Só assim terá a credibilidade e a eficácia necessárias para se afirmar a nível internacional.

Como conclusão, diríamos que o século XX foi, de facto, caracterizado essencialmente pela ocorrência de várias crises, algumas delas com consequências terríveis, não apenas para a Europa, mas também para o resto do mundo. Neste sentido, fazemos votos para que o século XXI seja mais pacífico e estável, para que a Comunidade Internacional se concentre nos complexos problemas que terá de enfrentar nos próximos tempos como, por exemplo, os relacionados com as alterações climáticas.

Só através de uma resposta de natureza holística se poderá equacionar e resolver as crises que o actual sistema internacional está a enfrentar.

¹⁴ KAGAN, Robert – *O Paraíso e o Poder – A América e a Europa na Nova Ordem Mundial*. Lisboa: Gradiva, 2003, p. 11.